

Elementos da Cultura Estratégica no Brasil

Alexandre Luiz Alves da Silva¹

RESUMO: Quando são estabelecidas relações entre nações é fundamental que se entenda as intenções, os objetivos e as prioridades existentes para que se estabeleça uma linha de planejamento visando identificar as ações que serão necessárias para que cada nação possa construir sua própria estratégia nacional. Esse processo precisa ser permanente, contínuo e cíclico, identificando forças, fraquezas, vulnerabilidades e as oportunidades existentes. Von Clausewitz elencou conceitos de estratégia que fariam de sua obra um diferencial nesta discussão, no entanto, ainda não existiam trabalhos acadêmicos sobre a influência da cultura interna de cada nação na construção de sua própria estratégia. Esta situação impediu um melhor entendimento quando se tratou da questão da Segurança e Defesa no domínio das Forças Armadas (FFAA). Desta forma, observando a evolução na construção das culturas nacionais ao longo dos anos, e a percepção elaborada por meio da produção de importantes trabalhos acadêmicos sobre o assunto, tornou-se necessário identificar quais elementos poderiam ser efetivamente considerados como integrantes da cultura estratégica do Brasil. Este artigo tem este objetivo.

Palavras-Chave: Nação, Cultura Estratégica, História, Geografia, Defesa.

ABSTRACT: When relations between nations are established, it is essential to understand the intentions, objectives and existing priorities so that a planning line can be established to identify the actions that will be necessary so that each nation can build its own national strategy. This process needs to be permanent, continuous and cyclical, identifying strengths, weaknesses, vulnerabilities and existing opportunities. Von Clausewitz listed strategy concepts that would make his work a differentiator in this discussion, however, there were still no academic works on the influence of each nation's internal culture on the construction of its own strategy. This situation prevented a better understanding when it came to the issue of Security and Defense in the field of the Armed Forces (FFAA). In this way, observing the evolution in the construction of national cultures over the years, and the perception elaborated through the production of important academic works on the subject, it became necessary to identify which elements could be effectively considered as integral to Brazil's strategic culture. This article has this objective.

Keywords: Nation, Strategic Culture, History, Geography, Defense.

¹ Doutor (2018) e Mestre (2011) em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, Brasil. Foi docente e pesquisador convidado na Escuela Superior de Guerra "General Rafael Reyes Prieto", Colômbia. 2022-2024. <https://orcid.org/0009-0006-0095-1617> . alexfuz2004@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Nas relações estabelecidas entre as nações ao longo dos anos, tornou-se desejável entender como algumas etapas foram definidas, as intenções envolvidas, os objetivos almejados, os níveis de prioridade para cada objetivo, como seria realizado o planejamento para que esses objetivos fossem alcançados e, com base nesse planejamento, quais ações necessárias poderiam ou deveriam ser implementadas para que cada nação pudesse construir sua própria estratégia nacional. Todavia percebe-se que estas etapas foram definidas sem que houvesse um conceito ou um esquema de ideias que permitisse a construção de um processo sistêmico que fosse permanente, contínuo e cíclico, o que muitas vezes impossibilitava a identificação precisa das forças, fraquezas, vulnerabilidades e oportunidades existentes à nação.

A partir de 1815, o general prussiano Von Clausewitz², após ter vivenciado o campo de batalha em diversas ocasiões, quando combateu as tropas francesas durante as Guerras Napoleônicas³, teve a oportunidade de iniciar o trabalho acadêmico de sua vida, denominado “Vom Kriege”. ou “Da Guerra⁴”, quando elencou conceitos de estratégia que fariam de sua obra um diferencial na discussão sobre a natureza da guerra. No entanto, olhando com mais atenção para este e outros estudos sobre estratégia, atentando para as várias crises regionais ou globais que eclodiram nos séculos XIX e XX, até a década de 70 do século XX, ainda não havia nenhum trabalho acadêmico sobre a influência da cultura interna de cada nação na construção de sua própria estratégia.

Esta situação impediu um melhor entendimento quando se tratou da questão da Segurança e Defesa no domínio das Forças Armadas (FFAA), tão essencial para qualquer nação, e que, no tocante ao Brasil, ganharia maior relevância entre a segunda metade do século XX e, principalmente, no início do século XXI, devido à sua história e ao crescimento geográfico do país até atingir as atuais dimensões continentais, permitindo uma influência regional. Além da história e do espaço geográfico, outras questões também ganhariam importância significativa na formação da cultura estratégica de uma nação.

Observando a evolução na construção das culturas nacionais ao longo dos anos, e a percepção elaborada por meio da produção de importantes trabalhos acadêmicos sobre o assunto, no Brasil, devido à criação do Ministério da Defesa, e a elaboração de documentos que orientam o planejamento de alto nível, tornou-se necessário identificar quais elementos poderiam ser efetivamente considerados como integrantes da cultura estratégica do Brasil. Percebe-se que uma primeira ideia estaria baseada na História e na Geografia; uma segunda, em uma ordem social baseada em costumes já aceitos e consolidados; e ainda haveria uma terceira, baseada nas consequências manifestadas pelos impactos na economia, na sociedade, na tecnologia, nas atividades militares e na política.

No entanto, por ser a História uma disciplina interdisciplinar, neste campo existiriam duas possibilidades de abordagem. A primeira, voltada para a História Geral, e a segunda, foco deste trabalho, exclusivamente para a História Militar. Entendo-se também a Geografia como uma ciência,

² Carl Philipp Gottfried von Clausewitz foi um general prussiano do século XIX considerado um dos maiores estudiosos da guerra moderna. Ele serviu na campanha russa contra Napoleão em 1812 e retornou à Prússia em 1815, época em que começou a escrever o que se tornaria sua obra mais influente, *Vom Kriege* (1832).

³ Série de confrontos militares ocorridos na Europa entre 1803 e 1815, envolvendo tropas francesas comandadas por Napoleão Bonaparte e alianças entre nações europeias.

⁴ O livro de Clausewitz “Vom Kriege” ou “Da Guerra”, publicado em 1832, tornou-se uma das referências nos estudos sobre estratégia militar. Ele foi o primeiro a usar o termo Estratégia em estudos militares.

poderia-se conjecturar que estes dois campos de estudo, quando isolados, não seriam propriamente os elementos construtores da cultura estratégica do Brasil, mas serviriam como bases de estudo para identificar um conjunto de elementos importantes que seriam incluídos no estudo inicial de um planejamento estratégico.

Após esta abordagem inicial, e com foco no campo das Forças Armadas Brasileiras, no que se refere à Segurança e Defesa, percebe-se que seis elementos constituem a cultura estratégica do Brasil, são aceitos, têm adesão nacional e atualmente servem de base para a construção dos documentos que orientam a Política e Estratégia de Segurança e Defesa do Brasil: Economia, Aspectos Sociais, Tecnologia, Política, Militar e, mais recentemente, Meio Ambiente (Brasil, 2017, p. 8).

Assim, além de desenvolver as bases históricas e geográficas, esses elementos serão mais bem delineados. O referencial teórico utilizado terá como foco apresentar conceitos sobre esses elementos, incluindo os objetivos nacionais presentes na construção da Política Nacional de Defesa e da Estratégia Nacional de Defesa. A metodologia incidirá, além de teses acadêmicas, nos documentos de referência, PND, END, LBDN e o Sumário Executivo do Cenário de Defesa 2020-2039.

O artigo será estruturado em quatro seções. Na primeira, serão apontadas algumas referências acadêmicas e teóricas sobre o tema. Um segundo abordará as influências históricas e os aspectos geográficos que contribuíram para a construção da cultura estratégica do Brasil. Na terceira, os elementos que, na percepção do autor, constituem essa cultura e norteiam o atual planejamento do Ministério da Defesa. Na quarta parte, uma breve conclusão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Somente em 1977, pela importância do tema, Jack Snyder⁵ elaborou sua tese e decidiu batizá-la de “cultura estratégica”. Snyder teria cunhado esse termo pela primeira vez em sua obra “A cultura estratégica soviética. Implicações para operações nucleares limitadas”, quando ocorreu a “Guerra Fria” entre os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética (URSS). Ele percebeu que essas nações foram construídas a partir de culturas diferentes e esta situação influenciaria o entendimento de seus povos sobre o uso de armas nucleares em relação à destruição mútua assegurada. Na maioria das teorias, a cultura estratégica desempenha um papel crucial na formação do comportamento do Estado. Assim, Snyder propôs que a cultura estratégica seria a soma de ideias, respostas emocionais condicionadas e padrões habituais de comportamento que os membros da comunidade estratégica nacional adquiririam por educação ou imitação e compartilhariam entre si em torno da estratégia nuclear (Snyder, 1977, p. 8).

Para Gray, em “Perspectives on strategy⁶”, cultura estratégica seria um somatório de ideias e comportamentos, pois todos somos culturalmente educados e programados (Gray, 2013, p. 89). Na percepção dos autores Da Cunha, Appel & de Queiroz, “identidade estratégica e cultura no Brasil

⁵ Jack Snyder foi professor de relações internacionais na Columbia University, especializado em estudos culturais estratégicos.

⁶ Em tradução livre: “Perspectivas sobre a estratégia”.

contemporâneo”, a cultura é a arte da identidade de um grupo social. Através do elemento cultural, torna-se mais fácil e acessível compreender o que é estratégico e o que distingue a forma de pensar, reagir, comportar-se perante o imprevisto: a isto ele chamou Cultura Estratégica (Da Cunha, Appel & de Queiroz, 2019, p. 25).

Finalmente, Jones, ao elaborar sua tese “Soviet Strategic Culture⁷”, assinala que em um Estado haveria três níveis que interagem na composição de sua cultura estratégica: o primeiro, os básicos, como geografia, elementos étnico-culturais ou sociais e a história; um segundo nível, entendido como intermediário, abrangeria as características socioeconômicas e a estrutura política; e, um terceiro nível, quando haveria uma interação entre instituições políticas e militares. (Jones, 1990, pp. 35-49).

Tendo como referências externas os acadêmicos apontados, faz-se necessário elencar os referenciais teóricos no Brasil, e estes podem ser percebidos após a criação do Ministério da Defesa em 1999 quando, alguns anos depois, em 2008, foram elaboradas a “Política Nacional de Defesa (PND) e a Estratégia Nacional de Defesa (END)⁸”. Em 2012, além da atualização destes dois documentos, foi também elaborado o Livro Branco da Defesa Nacional” (LBDN)⁹. Esses três documentos tornaram-se essenciais para orientar as políticas e estratégias de segurança e defesa que se tornariam pilares para o país. Eles são atualizados a cada quatro anos e em 2020, novas versões foram apresentadas ao Congresso Nacional do Brasil para sua apreciação. Na PND, tendo como referência a cultura estratégica do Brasil, Corrêa observa que um dos objetivos da defesa nacional é sua projeção como importante ator internacional no século XXI, que deve alcançar uma maior inserção do país no cenário global (Corrêa, 2014, p. 32).

Em 2017, no âmbito do Ministério, foi elaborado um Sumário Executivo denominado “Cenário de Defesa 2020-2039¹⁰”, que teve como objetivo “embasar o processo de planejamento e direção estratégica do Ministério da Defesa e das Forças Armadas com vistas ao cumprimento de suas atribuições legais”. Neste sumário, o objetivo seria “identificar fatos e situações, conjunturais e/ou estruturais, relacionados à segurança e defesa do Brasil, cujas possíveis evoluções possam impactar as atribuições constitucionais e legais do Ministério da Defesa e das Forças Armadas” (Brasil, 2017, p. 7).

Para estruturá-lo, foram elencados “Fatos Portadores do Futuro”¹¹ (FPF), os quais se ocorrerem poderiam causar algum tipo de impacto no futuro. Esses FPF foram elaborados a partir da História e Geografia do Brasil e dos elementos que, em tese, orientariam a cultura estratégica do País, a saber, as dimensões Econômica, Social, Ambiental, Tecnológica, Política e Militar (Brasil, 2017, p. 8).

Assim, formou-se um referencial teórico que possibilitaria a elaboração de teses que serviriam como base para uma cultura estratégica tipicamente brasileira, todavia, faz-se necessário entender quais seriam as influências históricas e geográficas que também contribuiria para essa construção.

⁷ Em tradução livre: “Cultura Estratégica Soviética”.

⁸ Disponível em https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/pnd_end_congresso_.pdf.

⁹ Disponível em https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/estado_e_defesa/livro_branco/Versao2012dolivroLBDNemespanhol.pdf.

¹⁰ Disponível em https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/revista_cenario_de_defesa.pdf.

¹¹ Em tradução livre - Fatos que transportam para o Futuro. É um fato ou situação que, se ocorrer, poderia provocar algum tipo de problema para ser estudado no futuro.

Influências Históricas e aspectos Geográficos que contribuem para a Construção da Cultura Estratégica do Brasil

HISTÓRIA

Olhando apenas para a história militar, no que se refere à formação de uma cultura própria, e mais precisamente, o desenvolvimento ao longo do tempo dos processos decisórios de alto nível em matéria de Segurança, Defesa e Política Externa, a cultura estratégica ganharia importância no campo dos Estudos Estratégicos, e seu principal objetivo seria entender como fatores socioculturais, interligados com fatores Geoestratégicos e Geohistóricos, afetariam os interesses nacionais na consolidação dos objetivos de poder (Romana, 2016, p. 14).

Esse conceito, o de cultura estratégica, introduzido pela primeira vez no meio acadêmico por Snyder, teria sido entendido a partir de um somatório de percepções que orientariam o pensamento sobre as questões estratégicas nacionais, influenciando a forma como essas questões seriam formuladas. Novamente, para Romana, a busca por um melhor entendimento, ao estudar o conceito de cultura estratégica, contribuiria para a análise dos processos decisórios aplicados aos diversos cenários de Segurança e Defesa que surgiram após a Segunda Guerra Mundial (Romana, 2016, p. 14). Assim, no campo da história militar, entende-se que é imprescindível observar as tomadas de decisão ao longo dos anos no Brasil, devido à contribuição que elas teriam na formação da cultura brasileira, principalmente quando a coroa portuguesa chegou ao Brasil em 1808, e a subsequente independência desta colônia de Portugal, alcançada em 1822.

A partir deste contexto, durante o mandato do Príncipe Regente D. João VI, que fugiu de Portugal para o Brasil, na ausência das forças armadas brasileiras, pois estas ainda não existiam, para garantir a segurança da coroa portuguesa, do comércio e do próprio território, ele criou um Ministério da Marinha e do Ultramar, transformou sua Brigada de Marinha Real (BRM) em Regimento de Artilharia, ao mesmo tempo que promoveu a reorganização do Arsenal de Marinha e a instalação da Armada Academia e Guardas da Marinha no Mosteiro de São Bento (Carvalho, 2003, p. 6).

Nesse campo, a incipiente Marinha criada naquele período desempenhou importante papel na formação cultural dos cidadãos nascidos no Brasil que, movidos por um ideal de liberdade, possibilitaram a formação de um sentimento de unidade que afrontava os portugueses nas lutas pela independência, com a intenção de preservar o recém-criado Estado brasileiro e desenvolver uma cultura local (Corrêa, 2014, p. 30).

É interessante notar que as Forças Armadas (FFAA), Marinha e Exército, recém-criadas e tipicamente brasileiras, ainda careciam de significativa força e presença em todo o território nacional, e nelas ainda não havia representação da sociedade, já que a maioria de seus integrantes eram portugueses que chegaram com a família real. Havia também um notável “descaso” da coroa portuguesa para com o Exército após a Independência do Brasil em 1822, pois essa força tornou-se uma ameaça à estabilidade política do novo sistema de governo, devido à presença de portugueses

junto ao oficialidade e a indisciplina dos soldados, que participavam de motins, arruaças e tumultos no período regencial. Tais aspectos eram causadores de profundas desconfianças junto a sociedade política, que temia a restauração do antigo regime (Ferrer, 2005, p. 122).

Os sucessos e fracassos ocorridos durante os eventos bélicos naquele período, não foram registrados, assim como as experiências ou as lições aprendidas. Visando um programa de preparação das FFAA da época, representadas pela Marinha e Exército, existiam lacunas que em nada contribuíam para a formação de uma cultura estratégica. Desta forma, o Duque de Caxias¹², durante a campanha militar no Paraguai (1864-1870) tomou a decisão de reorganizar o Exército (Eakin, 2014, p. 46).

Percebe-se que o governo central cometeu repetidos erros na administração interna das FFAA, o que contribuiria para um período de guerra contra o Paraguai supostamente mais longo do que o necessário, e as lições aprendidas durante esta guerra também não foram consideradas na construção de uma cultura própria. Um fato que comprova essa percepção foi o que aconteceu alguns anos depois, quando outro conflito interno aconteceria no Brasil, a “Guerra de Canudos”¹³ (1893 a 1897). O Exército teria novamente muitas dificuldades, principalmente as relacionadas à logística de transporte, o que confirma a falta de uma absorção interna dos conhecimentos adquiridos nos eventos anteriores.

Percebendo seus erros, o despreparo operacional e a consequente perda desnecessária de vidas, o Exército, por meio de alguns integrantes, iniciou estudos visando mudar o que era necessário e realizar reformas, as quais, no início do século XX, no decorrer da “Guerra do Contestado” (1912 a 1916) permitiu mudanças efetivas. Relativo às tropas, os ajustes foram feitos na dotação de melhor material e na preparação dos homens a partir das experiências adquiridas, o que possibilitou a absorção de conhecimentos que influenciaram a criação de uma cultura estratégica de planejamento de alto nível, que se tornaria essencial para que as FFAA conseguissem uma melhor reorganização (Calaza, 2012, p. 74).

No maior conflito armado que ocorreria no século XX, a Segunda Guerra Mundial, não havia previsão de envio de soldados brasileiros para solo europeu, apesar de as tropas estarem mais bem preparadas. No entanto, essa preparação tinha como objetivo seu uso para proteger o território brasileiro, ou seja, em um ambiente que envolvia o entorno do país na América do Sul. A estratégia para o emprego de tropas no Brasil no exterior ainda carecia de conhecimentos necessários para atuar nas condições que existiam na Europa. Mesmo assim, em 1944, o Brasil enviou a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a guerra a qual recebeu apoio dos Estados Unidos da América, desempenhando importante papel no Teatro de Operações na Itália. Com as experiências adquiridas nesta guerra, as FFAA do Brasil teriam um grande contingente militares que poderiam promover internamente mudanças estruturais para a construção de uma cultura estratégica de segurança e defesa do Brasil.

No entanto, naquele período, o presidente governava o país sob um modelo de liderança centralizado, cujo mandato passava de 15 anos no poder, de 1930 a 1945. Ao identificar que os soldados brasileiros que foram ao teatro europeu lutar contra as ditaduras nazista e fascista, ao retornarem ao país, poderiam se tornar “perigosos”, tomou a decisão de ignorá-los, o que contribuiu para o enfraquecimento do Exército e a perda de conhecimentos adquiridos em solo europeu, os quais certamente seriam fundamentais para a constituição de uma cultura estratégica tipicamente brasileira.

¹² Duque de Caxias (Luís Alves de Lima e Silva) é o Patrono do Exército brasileiro. Disponível em https://www.ebiografia.com/duque_caxias/.

¹³ Aconteceu no acampamento de Canudos, interior da Bahia. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/guerra-de-canudos/>.

Um exemplo dessa situação foi relatado por Eronides João da Cruz, 93 anos, que lutou na Itália pela Força Aérea Brasileira (FAB). Relata Cruz...

“O preconceito falou alto. Um mês depois da recepção, o que restou foi um “pé na bunda”. “Eles não queriam usar as técnicas que aprendemos. O governo Vargas tinha medo de ter um Exército experiente para tirá-lo do poder”, diz Eronides. A historiadora Carmen Rigoni confirma essa teoria. “O governo tinha medo de ser derrubado pelos membros da FEB” (Antonelli e Dos Santos, 2015, par. 6).

Na década de 60, o Brasil enviaria tropas à República Dominicana (RD), compostas por pessoal da Organização dos Estados Americanos (OEA), chamada Força Interamericana de Paz (FIP), com o objetivo de contribuir para o apaziguamento do conflito interno que era travado naquele país. Muitos conhecimentos adquiridos foram perdidos no tempo.

Dessa forma, conclui-se, ainda que parcialmente, que, historicamente, apesar de o Brasil ter participado de diferentes conflitos a partir do século XVIII até a segunda metade do século XX, tanto internamente quanto em teatros de operações no exterior, teria faltado sensibilidade a seus integrantes para, após adquirir conhecimentos, internalizá-los e registrá-los para deixá-los como legado para as gerações futuras. Isso certamente contribuiria para a formação de uma cultura estratégica ao longo dos anos e permitiria ao país se projetar com mais propriedade nos cenários geopolíticos que se apresentavam tanto no âmbito global, quanto no regional, principalmente no seu entorno estratégico como integrante da geografia da América do Sul.

GEOGRAFIA

Quando observamos a evolução continental do Brasil ao longo de sua História, percebe-se que no período entre 1500 e 1822, quando ainda era uma das colônias de Portugal, houve um crescimento territorial espantoso. No início do século XVIII, tendo alcançado a sua independência, fazia fronteira com várias colônias do Império Espanhol. Nos dias atuais...

“O Brasil possui um território de cerca de 8,5 milhões de km², uma área oceânica denominada Amazônia Azul com 5,7 milhões de km², um litoral com extensão de aproximadamente 7.500 km e, ainda, mais de 17.000 km de fronteira terrestre e fronteiras com: Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname, bem como a Guiana Francesa (Departamento Ultramarino da França)” (Brasil, 2022, p.17).

No entanto, apesar de ter a maior área territorial da América do Sul e uma das cinco maiores do mundo, ao longo de sua história, o Brasil esteve bem mais ligado e deu mais atenção ao seu litoral. Desde o período colonial, a maior parte da população brasileira manteve-se concentrada perto do mar, e ainda hoje, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 70% da população brasileira vive em uma área a menos de 200 km do Oceano Atlântico, o que demonstra vocação para o mar (Eakin, 2014, p. 43).

A esse respeito, cabe destacar que alguns fatores contribuíram para a formação do pensamento brasileiro e de sua cultura estratégica no que diz respeito à geografia. A primeira, corresponde a uma demorada interiorização a partir da costa devido às dificuldades impostas pelo relevo, como é o caso do planalto conhecido como Serra do Mar. Percebe-se que sua localização junto à costa atlântica limitava uma maior, melhor e segura interiorização, devido à inexistência de rios entre o litoral e o interior, principalmente nas áreas que hoje formam o Rio de Janeiro e São Paulo. Um segundo aspecto foi a presença de instituições de ensino, em todos os níveis, mais próximas do litoral e em menor número de cidades. Essa situação influenciaria a formação de elites no litoral brasileiro, contribuindo para um melhor e maior desenvolvimento dessas áreas (Eakin, 2014, p. 48). Em seguida, embora não menos importante, um terceiro aspecto corresponde à existência da Cordilheira dos Andes no interior da América do Sul que serviu, e continua servindo, como um grande divisor de áreas entre o Brasil e alguns países de origem espanhola (De Meira Mattos, 2002, p. 59).

Geograficamente, o Brasil é percebido como uma potência regional. Em seu interior existem diferentes biomas que poderiam ser estudados e bem explorados ao longo dos séculos. Um deles, a Amazônia, é, sem dúvida, a que mais chama a atenção no mundo. Rica em recursos minerais, possui a maior biodiversidade do mundo conhecido e sua área geográfica corresponde a cerca de 61% do território brasileiro. No entanto, ainda é uma área com uma taxa de povoação muito baixa. No sul do Brasil encontra-se a Bacia Hidrográfica do Prata, que, bem explorada desde os primórdios do Brasil como colônia, permitiu a penetração no interior do país, possibilitando que seus exploradores chegassem ao centro do Brasil, atingindo o que hoje é conhecida como Região Centro-Oeste. No entanto, esta bacia abrange outros três países - Argentina, Uruguai e Paraguai, o que dificultou a internacionalização devido aos interesses internacionais

Observando os escritos de Eakin (2014), as dificuldades geográficas existentes influenciaram gerações de brasileiros ao longo da história, distanciando o Brasil da cultura existente na América Latina, posicionando-o como um ator externo. São várias as consequências desta experiência histórica.

“Em primeiro lugar, os brasileiros realmente não se vêem como "latino-americanos", exceto quando é politicamente ou economicamente conveniente. Em segundo lugar, os brasileiros tinham apenas uma vaga consciência e interesse do que se passava no resto da América Latina até muito recentemente. Em terceiro lugar, a maior exceção nos últimos duzentos anos a esta negligência e desinteresse tem sido os conflitos com o Paraguai, Uruguai e Argentina - mais espetacularmente, a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Quarto, o Brasil tem sido insular e voltado para dentro em grande parte de sua história. Quinto, desde os anos 1960 e, especialmente, na última década, o Brasil tem jogado em sua herança demográfica e cultural africana para construir uma política e laços com as nações africanas.” (Eakin, 2014, p. 45).

Dessa forma, conclui-se parcialmente que a geografia do Brasil, desde os tempos coloniais, contribuiu para a ausência da formação de uma cultura estratégica tipicamente brasileira, principalmente quando havia dificuldades como ocupação prolongada do interior, presença de elites mais próximas do litoral devido às instituições de ensino, em todos os níveis, criadas em algumas poucas cidades, e à existência da Cordilheira dos Andes, que ainda serve como grande divisor de águas.

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CULTURA ESTRATÉGICA DO BRASIL

Entende-se que o conceito de cultura estratégica se tornou uma importante ferramenta que permite uma melhor compreensão da estrutura de uma nação. A compreensão desse conceito, no que diz respeito à natureza da sociedade e sua origem na formação das nações, ajudará a decifrar o modo como elas se comportam como unidades políticas. Ao longo dos anos, este processo dinâmico, permanente e contínuo acrescentou uma série de elementos, à medida que a sociedade evoluiu. Da Cunha entende que isso é fundamental para que uma sociedade se compreenda e tenha a sensibilidade de perceber a si mesma, ou ao grupo ao qual pertence, não como superior, mas como uma entre tantas outras. Isso possibilita aprimorar a execução das políticas internas e externas, o que, portanto, nos leva à proposição relacional direta de que quanto mais lúcida for a percepção da cultura estratégica, mais bem avaliados serão os comportamentos e atitudes em si e nos outros (Da Cunha, 2020, p. 25).

Com um olhar mais para a cultura interna, como já foi pontuado, a História do Brasil e as contínuas conquistas geográficas brasileiras, seja por meio de guerras ou por acordos internacionais, contribuíram ao longo dos anos para a construção de uma cultura nacional no campo das relações internacionais e no campo político, porém, percebe-se que ainda lhe faltava maturidade para absorver e internalizar as práticas positivas que emergiam do campo político, militar, econômico, social e tecnológico para construir sua própria cultura estratégica que permitisse ao país tornar-se uma potência não apenas regional, mas global. Lafer registrou seu pensamento sobre este tópico em 1987 da seguinte forma:

“A harmonização das necessidades internas com as possibilidades externas, ou seja, a proposta de inserção de um país no mundo, é realizada em três importantes campos de atuação: o campo estratégico-militar, que traduz o que um país significa, ou pode significar para outros como aliado, protetor ou inimigo em termos de riscos de guerra e desejos de paz; o campo das relações econômicas, que explica a importância real ou potencial de um país para outros como mercado; e o campo dos valores, que revela a importância de um país como modelo mais ou menos orientado para a vida em sociedade” (Lafer, 1986, p. 1).

Assim, em relação à Segurança e Defesa, desde a percepção elaborada por Snyder em 1977, passando por teses que foram elaboradas por outros acadêmicos em anos posteriores, alguns elementos ganhariam mais destaque quando se estuda a formação cultural estratégica ao redor do mundo e observam-se práticas contínuas que se repetem.

Atento à construção do conceito de cultura estratégica, no campo do Desenvolvimento, a busca pela paz e estabilidade nas relações internacionais requer ações integradas e coordenadas, para reduzir as deficiências estruturais das nações; da Diplomacia, para a conjugação dos interesses conflitantes dos países; e da Defesa, para dissuadir ou enfrentar ações hostis. Estes três pilares – Desenvolvimento, Diplomacia e Defesa – devem ser explorados com maior ou menor profundidade consoante o caso concreto, de forma a garantir a segurança e a defesa nacionais (Brasil, 2020, p. 21).

Com relação à cultura estratégica do Brasil, com base nessas percepções, e como resultado de práticas e experiências absorvidas em períodos de guerras, intervenções ou situações de desastres ambientais ou naturais, no planejamento a longo prazo do Ministério da Defesa, percebe-se que seis elementos foram identificados como os mais importantes e que melhor atenderia a um conjunto de

objetivos nacionais como desafios. Eles serviram de base para a elaboração de documentos que nortearam a Política e Estratégia de Segurança e Defesa no Brasil a partir da década de 1990, destacando-se os fatores históricos e geográficos do país. No Resumo Executivo “Cenário de Defesa 2020-2039”, elaborado pela Assessoria Especial de Planejamento do Ministério da Defesa, esses elementos básicos, ou principais, foram reunidos sob o nome de “Dimensão”¹⁴, ou seja, áreas de grande importância que seriam analisadas globalmente, regionalmente, nacionalmente e dentro do próprio Ministério. Essas dimensões seriam divididas em Econômica, Social, Ambiental, Tecnológica, Política e Militar (Brasil, 2017, p. 8).

Desta forma, esses elementos serão apresentados separadamente, porém, sem um grande aprofundamento em suas descrições, objetivando-se que a mensagem principal seja transmitida, mas, ao mesmo tempo, fazendo com que leitores ávidos por conhecimento sejam despertados para uma busca de mais leituras e estudos.

DIMENSÃO ECONÔMICA

Esta dimensão, não exatamente com esta denominação, permeou a formação dos povos e a construção das nações. Inúmeras lutas ocorridas no passado, e muitas das que ainda estão em curso, elencaram em seu escopo de motivações, razões econômicas como a conquista de mais terras, ou o controle de uma determinada área, com o objetivo de explorar um produto ou comércio que garantisse ao seu proprietário maior poder econômico. Assim, em uma percepção inicial, muitas disputas de poder entre diferentes nações ocorridas no passado se deram principalmente por necessidade econômica.

“As disposições econômicas exigidas pelo campo econômico, como o conhecemos, nada têm de natural ou universal, mas são produto de toda uma história coletiva, que deve ser sempre reproduzida nas histórias individuais. Esta dimensão distingue-se das demais pelo fato de as sanções serem especialmente brutais e a conduta poder ser publicamente atribuída como um fim à procura aberta de maximizar o benefício material individual” (Bourdieu, 2005, pp. 19, 22).

Ao longo dos anos, o fator econômico tornou-se tão importante para o planejamento de alto nível e para a cultura estratégica de uma nação que as análises buscam identificar quais pontos desse elemento farão a diferença. Como resultado do conhecimento adquirido em eventos anteriores, a análise de aspectos relacionados à capacidade de mobilização econômica, especialmente da indústria, certamente será incluída nos planos estratégicos, para apoiar o esforço de guerra de todos os países direta ou indiretamente envolvidos em um conflito, bem como a análise de aspectos relacionados à disponibilidade de recursos econômicos na área de responsabilidade (Brasil, 2017, p. 42).

Culturalmente, ao observar as interações entre as nações, e como foi construída a cultura estratégica de cada uma delas, deve-se tentar entender se o processo de globalização continuará, devido ao crescimento econômico dos países emergentes, ou se sofrerá algum tipo de resistência devido a

¹⁴ Dimensões: são áreas de análise. Disponível em https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/revista_cenario_de_defesa.pdf.

um protecionismo natural motivado por questões relacionadas ao desemprego, industrialização e volatilidade financeira. Deve-se atentar para a expansão global das atividades humanas, decorrente do crescimento econômico e populacional, que levará, sem dúvida, ao aumento da demanda por recursos naturais. Cada país, de acordo com a sua História e a construção da sua cultura, reage de forma diferente, e, observando as práticas adquiridas ao longo dos anos, que se acumulam e se agregam à cultura estratégica nacional, não é possível, de forma alguma, descuidar do acirramento pelas disputas por áreas marítimas, pelo espaço e pelas fontes de água doce, alimentos, recursos minerais, biodiversidade e energia. Tais questões, dentro desse elemento, tornaram-se objetivos nacionais e podem levar à ingerência em assuntos internos ou à disputa de interesses em espaços sujeitos à soberania dos Estados, configurando possíveis cenários de conflito (Brasil, 2020, p. 17).

Os problemas econômicos também causam profunda preocupação. As crises que ocorreram em 1929 devido a “quebra da Bolsa de Valores de Nova York”¹⁵, ou a “Crise do Petróleo”¹⁶ dos anos setenta, ou ainda, a “crise financeira”¹⁷ de 2008 nos Estados Unidos, serviram, cada uma a seu tempo, como lições para a formação de uma cultura estratégica ampla, e, de forma globalizada, para a busca de soluções para os problemas econômicos por meio de organizações internacionais, inclusive aquelas formadas por nações com diferentes experiências culturais.

DIMENSÃO SOCIAL

A população mundial cresceu exponencialmente desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Essa situação acabaria por forçar a demanda por um número cada vez maior de recursos naturais para garantir a segurança alimentar no mundo. Cada nação, de acordo com sua História e Geografia, em tese, teria como objetivo nacional inclinar-se a desenvolver formas de reagir ao crescimento demográfico com consequências sociais imprevisíveis. Para alguns países como China e Índia, tendo esse fator intrínseco como parte da cultura estratégica os levou a adotar políticas que, no caso dos primeiros, diante do aumento da taxa de envelhecimento no país, foi autorizado a todos os casais terem dois filhos, o que para o segundo, quando aplicado de forma semelhante, o aproxima de ser o país mais populoso do mundo. Esta cultura do quanto mais filhos, melhor, percebida pelos dois Estados como relativamente importante, tem influência significativa nas condições sociais, principalmente quando fazem parte do planejamento estratégico e atuam de acordo com a ideia de que quanto maior a população de uma nação, esta terá maior influência internacional, podendo se tornar um grande mercado consumidor ou contribuir com maior produção nacional a custos menores para o mercado internacional. Situação que em tese poderia fortalecer as capacidades de defesa das nações em desenvolvimento, dando-lhes maior poder de negociação.

No Brasil, a concentração da população e das atividades econômicas em áreas específicas, principalmente próximas ao litoral, gerou brechas demográficas e baixos níveis de atividade econômica

¹⁵ O Crash de 1929, também conhecido como Grande Depressão, foi uma crise econômica que atingiu a economia mundial logo após o colapso da Bolsa de Valores de Nova York. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/crise-1929.htm>.

¹⁶ A crise do petróleo começou quando se descobriu, na década de 1970, que o recurso natural não era renovável. Em consequência disso ou a pretexto do fato, o preço do petróleo sofreu muitas variações a partir dessa década, marcando efetivamente cinco momentos de crise do produto. Disponível em <https://www.infoescola.com/economia/crise-do-petroleo/>.

¹⁷ Foi uma profunda crise de confiança que foi produto de uma cadeia de empréstimos originalmente baseada em crédito imobiliário com base em devedores insolventes que, ao levar os agentes econômicos a privilegiar a liquidez e assim liquidar os seus créditos, levaram os bancos e outras empresas financeiras à situação de falência, mesmo que fossem eles próprios solventes.

em algumas regiões do interior do país, o que representa um desafio de integração e coesão e, portanto, para a própria concepção de Segurança e Defesa Nacional (Brasil, 2020, p. 13). Complementando, do fator psicossocial pode-se observar que a posição da população regional civil, sofrendo influências de características religiosas, culturais e étnicas, influenciam o nível de treinamento permanente das forças de segurança, bem como seu comportamento a partir de uma situação de paz total, uma possível guerra e o desenvolvimento das operações (Brasil, 2017, p. 42).

No planejamento estratégico, com base no conhecimento adquirido e internalizado na cultura estratégica do Brasil, com a necessidade de apurar quais outros eventos podem afetá-lo, destaca atualmente aspectos que, motivados pela pobreza, desigualdade e precariedade na prestação de serviços públicos, são produzidas tensões políticas e sociais que estimulam a ação violenta de grupos de pressão (movimentos sociais) nas diversas regiões do país, sem que representem a probabilidade de ocorrer uma ruptura institucional. No entanto, pode-se notar que instabilidades políticas e sociais podem gerar violência urbana e/ou rural cuja intensidade pode ultrapassar a capacidade de controle dos órgãos de segurança pública, a ponto de exigir a intervenção das Forças Armadas (Brasil, 2017, p. 36).

Outro ponto importante, dentro desta dimensão, refere-se ao narcotráfico, uma vez que o Brasil é um mercado consumidor e serve como um dos principais "canais" para a saída de drogas devido à existência de países produtores e exportadores em seu entorno, como Bolívia, Colômbia, Paraguai e Peru, essa situação causa inúmeros problemas sociais no Brasil e isso pode facilitar a ação de criminosos, devido ao aumento da violência contra agentes públicos e seus familiares. O poder e o *modus operandi* das organizações criminosas transnacionais exigirão uma abordagem multilateral integrada para serem efetivamente combatidas. Devido ao provável aumento de atividades dessas organizações e à deterioração da segurança pública, também é provável que as Forças Armadas aumentem sua participação nas ações de garantia da ordem pública (Brasil, 2017, p. 36). Portanto, a dimensão social, tendo como referência a sociedade em constante evolução, torna-se um dos mais importantes elementos que constituem a cultura estratégica de uma nação e, em particular, da brasileira.

DIMENSÃO AMBIENTAL

A questão ambiental não era um assunto muito observado até alguns anos atrás. No entanto, devido a um rápido processo de globalização, desastres ambientais nucleares como o ocorrido em Chernobyl¹⁸ em 1986, y Fukushima¹⁹ em 2011, e desastres naturais que cresceram 80% em 8 anos, segundo declaração feita na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU, 2023, p. 14) durante a reunião de Alto Nível sobre a Revisão do Quadro de Desastres de Sendai Redução de risco²⁰, fizeram as autoridades mundiais "acordarem" para uma realidade extremamente positiva a fim de as nações procurassem entender melhor os processos que envolvem a natureza.

¹⁸ O acidente de Chernobyl em 1986 foi o maior acidente de reação nuclear da história. Disponível em <https://www.nationalgeographic.es/historia/2019/05/el-desastre-de-chernobil-que-ocurrio-y-sus-consecuencias-a-largo-plazo>.

¹⁹ O acidente nuclear de Fukushima em 2011 ocorreu depois que um terremoto de magnitude 9,0 atingiu a costa leste do Japão. O terremoto foi acompanhado por um tsunami que danificou a usina nuclear de Fukushima Daiichi, causando vazamentos de radiação. Disponível em <https://cnnespanol.cnn.com/2022/03/10/fukushima-terremoto-japon-tsunami-trax/>.

²⁰ Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2023/05/1814597>.

Um dos processos que passou a ser mais bem acompanhado e que se tornou um dos objetivos nacionais do Brasil, inerente ao meio ambiente e presente em sua cultura estratégica, é a preservação da Amazônia. A enorme extensão territorial, a baixa densidade populacional existente e as dificuldades de mobilidade na região, bem como os seus recursos minerais, o seu potencial hidroenergético e a valiosa biodiversidade que possui, exigem uma presença efetiva do Estado, com vista a garantir a sua defesa e integração com as demais regiões do país, e contribuir para o desenvolvimento nacional (Brasil, 2020, p. 14).

A importância do meio ambiente teria sido elencada na Política Nacional de Defesa quando foi mencionado que os impactos causados pelas mudanças climáticas ou pandemias podem trazer graves consequências ambientais, sociais, econômicas e políticas, que exigem uma pronta resposta do Estado (Brasil, 2020, p. 18). Assim, tornou-se uma tarefa importante monitorar e saber quais seriam as consequências do aquecimento global, de todos os possíveis fatores envolvidos, e se estes estariam em processo acelerado de influenciar a piora das condições de vida humana em resposta à contínua degradação ambiental. Percebeu-se também que, como consequência das catástrofes ambientais, a escassez de alimentos ou recursos naturais poderia produzir sérios problemas para a humanidade.

Desta forma, a partir da percepção da importância deste elemento, através de experiências próprias no Brasil ou vividas em outros países, este elemento passou a fazer parte da Cultura Estratégica do Brasil, uma vez que a materialização de situações como desastres ambientais ou naturais de qualquer natureza, certamente exigiriam assistência humanitária aos locais do país com as piores condições sanitárias, a fim de manter a ordem pública. Também abriria a possibilidade de atuação do Brasil no exterior, devido a conflitos internacionais com graves consequências humanitárias, como o terremoto no Haiti em 2010 (Brasil, 2017, p. 15).

Atualmente, observando-se o processo de planejamento estratégico, a preocupação com o meio ambiente, e todas as especificidades relacionadas a esse tema, estão cada vez mais internalizadas na cultura estratégica das nações. Estas devem ser observados para que sejam criadas condições nas quais governos, empresas e até mesmo entidades privadas se mobilizem a qualquer momento no sentido de estabelecer padrões internacionais para sua preservação. Da mesma maneira, em todo o mundo e, particularmente, no interior do Brasil, ainda existem lugares com péssimas condições sanitárias que não dignificam os seres humanos que ali vivem. O surgimento de pandemias e um grande fluxo de mercadorias contribuem negativamente para essa situação. Pessoas de todo o mundo que poderiam espalhar doenças de origem humana, animal ou vegetal e, em teoria, causar catástrofes humanitárias (Brasil, 2017, p. 15).

Portanto, qualquer nação, e especialmente o Brasil, deve desenvolver capacidades de detectar, controlar e produzir suas próprias necessidades para preservar seu meio ambiente, e as lições aprendidas devem integrar o conhecimento necessário para agregar à construção de sua Cultura Estratégica.

DIMENSÃO TECNOLÓGICA

Neste elemento devem ser considerados os níveis de desenvolvimento tecnológico, procurando explorar áreas de investigação que permitam tecnologias de ponta. É necessário identificar, durante o

planejamento, quais são as semelhanças e diferenças tecnológicas entre os adversários que podem influenciar positiva ou negativamente o planejamento, potencializando vantagens ou pontos fortes e reduzindo fraquezas ou vulnerabilidades. Devido ao rápido desenvolvimento das novas tecnologias no século XX, principalmente a espacial, a nuclear, a internet (cibernética) e a robótica, percebe-se que elas produziram e farão grandes mudanças na cultura interna e estratégica das nações.

A exploração espacial se projeta de grande importância pois a dependência humana desta área, tanto civil quanto militar, continuará a crescer. O acesso a imagens, sinais, mídias e sistemas de posicionamento global, dentre outros, serão ampliados, assim como o processamento de informações provenientes de dados coletados e transmitidos por satélites, dados que subsidiam pesquisas científicas, além do planejamento, execução e controle de atividades humanas, tanto para fins civis como militares.” (Brasil, 2017, p. 16).

A evolução nuclear em pouquíssimo tempo, por exemplo, mostrou como a atenção permanente ao seu desenvolvimento influenciou a formação cultural das nações e suas tomadas de decisão. Foi pela presença dessa tecnologia que Snyder elaborou sua tese em 1977 sobre cultura estratégica comparando duas sociedades diferentes, a americana e a soviética, e apontando como a origem cultural de cada uma dessas nações influenciaria a forma de pensar de seus povos, sobre a decisão de usar ou não armas nucleares.

“O atual estágio de desenvolvimento do setor nuclear brasileiro, bem como os projetos em andamento, possibilitarão o avanço em tecnologias próprias a fim de atingir as capacidades de países mais avançados. A guerra moderna, por sua vez, exige sistemas de longo alcance, autonomia e consumidores de grandes quantidades de energia, que, se dependerem de combustíveis fósseis, demandam pesadas estruturas e cadeias logísticas. Portanto, a iniciativa agora realizada pela Marinha do Brasil em favor do domínio da geração e propulsão da energia nuclear proporcionará maior capacidade operacional e independência às Forças Armadas brasileiras” (Brasil, 2017, p. 38).

Os países ao investirem em inovação e produzirem tecnologias disruptivas aumentarão seu nível de desenvolvimento e proporcionarão bem-estar da população, enquanto aqueles que absorverem tecnologias sem investir em seu próprio processo de conhecimento e na modernização autóctone de suas capacidades produtivas, continuarão a desempenhar um papel secundário no cenário mundial, sem agregar benefícios às suas populações (Brasil, 2020, p. 18). Os exemplos não faltam e, percebe-se que fazem parte desse grupo os Estados Unidos (EUA) posicionando-se no século XX como líder mundial e impondo sua cultura, e a China reposicionando-se no século XXI como líder regional que almeja, muito em breve, superar a liderança mundial dos EUA.

Culturalmente, a internet possibilitou uma massiva propagação de conceitos e ideais por meio de novas tecnologias que facilitaram a ampla disseminação de informações ou desinformações, impondo aspectos culturais de uma nação sobre outras. Deve-se entender que o uso correto das tecnologias, e o entendimento preciso de seus usos, podem gerar conhecimento por meio de práticas permanentes, tornando-as um fator importante na tomada de decisões com base em um evento que ocorre.

Há que se atentar também para a robótica que, sem dúvida, influenciará as relações sociais devido a uma provável e constante substituição de seres humanos por máquinas na realização de

diversas atividades laborais. Atualmente, existem tecnologias desenvolvidas que apontam para uma maior utilização de veículos remotamente tripulados, robôs com valores mais baixos e que realizam uma diversidade de aplicações. Certamente, essas tecnologias, se mais desenvolvidas, gerarão vantagens econômicas e poderio militar ao substituir o ser humano em atividades de risco e menos baixas, proporcionando maior nível de segurança e defesa (Brasil, 2017, p. 16).

As tecnologias necessárias para desenvolver este item não são transferíveis. Nenhuma nação vende algo que possa ser usado contra ela no futuro. Assim, os países que não investirem recursos para desenvolver e dominar a internet em todas as suas possibilidades, dependerão substancialmente daqueles que os dominam, e isso, culturalmente, e para sua própria segurança e defesa, pode ser desastroso. Dessa forma, cada nação deve trabalhar arduamente para desenvolver suas próprias tecnologias, superando todas as dificuldades que surgirem, incorporando esse conhecimento à sua própria cultura estratégica por meio de práticas permanentes.

DIMENSÃO POLÍTICA

Esse elemento é considerado um campo do conhecimento cultural que trata da análise da realidade política, dos processos que influenciam as decisões políticas, sistemas, instituições e atores políticos e suas relações de poder. Olhando para a cultura através de uma definição política, poderíamos supor que é um conceito multidisciplinar. A expressão “Cultura Política” foi criada na década de 1960 a partir da combinação das perspectivas sociológica, antropológica e psicológica, quando se estudavam os fenômenos políticos. Segundo Carneiro, entende-se que se refere ao conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e sentido a um processo político, destacando as regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus atores (Carneiro, 1999, p. 227).

Abrange ainda desde o estudo da história e da política até a análise das relações internacionais, sistemas de governo, políticas públicas e movimentos sociais. É um campo de estudo que trata das regras que influenciam a relação entre governos e seus governados, bem como os meios pelos quais os governos devem ser responsabilizados. Na Política Nacional de Defesa do Brasil afirma-se que tradicionalmente valoriza-se e promove-se a convivência harmoniosa entre os países e é defendido um mundo cuja governança seja baseada em valores, instituições e normas internacionais (Brasil, 2020, p. 13). Entender que a política é um dos elementos constitutivos da cultura estratégica de qualquer nação influencia o planejamento estratégico, e isto incluiria...

“...o estudo de assuntos internos, tais como: estabilidade política, esforço de guerra dos beligerantes, alianças, tratados e acordos militares, atividades subversivas e oposição interna ao governo. Também incluirá alianças, relações políticas com outros países e aspectos do direito internacional.” (Brasil, 2017, p. 16).

Ao observarmos conhecimentos adquiridos e integrados a cultura estratégica brasileira, nos mostra que o país tem como parte inerente dos seus objetivos nacionais cumprir os acordos internacionais atento ao seu ordenamento jurídico, e ainda, projetar-se no que se denomina “concerto

das nações”²¹ a fim de integrar-se ao sistema internacional de tomada de decisões, todavia jamais abrindo a possibilidade de transferir seu patrimônio, seus recursos naturais e seus ativos econômicos para organismos externos (Brasil, 2020, p. 25).

Outras ações também são de igual importância, tais como os relacionados aos assuntos civis, pois certamente implicarão no uso do poder militar. Por isso, ter em sua própria cultura estratégica o conhecimento de como funciona as diversas organizações que operam no país, seja como membros do governo constituído, ou de outros setores da sociedade, facilitará a forma de atuar em situações inopinadas e proporcionará aos políticos, nos momentos de tomada de decisões, uma melhor leitura e avaliação quando existir alguma demanda.

DIMENSÃO MILITAR

Desde os princípios da humanidade, os seres humanos, por questões de segurança, se organizaram inicialmente em pequenos grupos, depois sociedades e, finalmente, em nações. Em diversas ocasiões, entre esses entes ou grupos sociais, o enfrentamento ocorria, tanto para se defender como para conquistar terras, e, decorrente dessas escaramuças, continuamente havia o aprendizado com seus erros, seus acertos e as perdas em pessoal e material. Estas lições aprendidas se consolidaram através de repetições, as quais permitiram identificar e evitar fragilidades e fortalecer os pontos fortes.

No caso do Brasil, conforme já mencionado anteriormente, a percepção sobre a importância de se acumular conhecimentos, formar uma cultura própria e transmiti-la a gerações posteriores demorou a ocorrer. Somente no início do século XX, após a Guerra do Contestado, iniciou-se um processo de registro de lições aprendidas e, por meio de observação e verificação, houve melhoras. Por isso, tornou-se importante compreender qual enfoque adota uma nação para atingir seus objetivos estratégicos quando utiliza suas capacidades militares, pois este é um elemento que, observando a formação da cultura estratégica de qualquer nação, aborda temas que têm como objetivo garantir uma maior ou menor segurança nacional e uma desejada estabilidade internacional (Brasil, 2020, p.25).

Ao fim, culturalmente, este elemento se refere às políticas, estratégias, capacidades e recursos militares que as nações utilizam para atingir seus objetivos e cobrem uma variedade de medidas, desde o estabelecimento das FFAA para defender seus territórios, até o financiamento, o treinamento, o equipamento, a cooperação militar e criação de alianças estratégicas.

“A concepção estratégica de defesa do País, em tempo de paz ou de crise, está pautada na capacidade de dissuasão para inibir eventuais ameaças, observando o estabelecido na Constituição, nos preceitos do direito internacional e nos compromissos firmados pelo País. Nesse sentido, dissuadir não implica que, em caso de crise ou conflito, o País tenha que se limitar estritamente à realização de ações de caráter militar. No contexto de um plano mais amplo de defesa, e a fim de repelir uma eventual agressão, será empregado o Poder Nacional necessário, com vistas à decisão do conflito no prazo mais curto possível

²¹ Disponível em <https://pt.unesco.org/courier/2020-1/liga-das-nacoes-um-sonho-universal-que-resistiu-ao-teste-do-tempo>.

e com um mínimo de danos à integridade e aos interesses nacionais, impondo condições favoráveis ao restabelecimento da paz” (Brasil, 2020, p. 33).

Conforme elencado, percebe-se que o estudo deste elemento também implica estar preparado para a guerra, incluindo os recursos e estruturas necessárias para enfrentar um conflito militar com o propósito de dissuadir um possível oponente. Outra questão importante dentro da dimensão militar, como elemento formador da cultura estratégica do Brasil, é o necessário treinamento e formação educacional das Forças, tanto as militares como as de segurança pública. É importante entender que todos devem estar preparados para enfrentar possíveis ameaças externas e aprenderem as melhores práticas para responder a estas, quando necessário. Além disso, também é importante que exista um ambiente de cooperação entre as FFAA e outras agências governamentais para garantir um alto nível de segurança. Esta prática terá como objetivo aumentar a participação da sociedade brasileira nos assuntos de Defesa Nacional, incrementando uma percepção na sociedade brasileira sobre a importância a este assunto, e ainda, a participação de cidadãos nas discussões relacionadas com o tema culminando na geração de uma sólida cultura de defesa (Brasil, 2020, p. 43).

Desta forma, o Brasil incorporou à sua cultura estratégica a necessidade de contar com meios em pessoal e material capazes de manter a vigilância, o controle e a defesa do país, seja por terra, água ou ar, garantindo assim, sua soberania nacional e total independência ao necessitar tomar decisões em assuntos relacionados ao seu território.

CONCLUSÃO

O conceito de cultura estratégica não é antigo. Tornou-se conhecido a partir da década de 1970 do século XX, quando se percebeu que a bagagem cultural de um povo influenciaria decisões essenciais para a sobrevivência da própria nação. Sem dúvida, é uma ferramenta importante porque, ao somar conhecimento e práticas, sejam estas positivas ou negativas, aprende-se a não cometer os mesmos erros, o que permite compreender melhor como uma nação se estrutura ou quer se estruturar. Olhar para uma sociedade, ou um somatório de sociedades que compõem uma nação, entendendo o conceito de sua cultura estratégica, e como ela se formou, contribuirá para entender como serão suas reações e como ela se comportará diante dos desafios impostos a isto.

Ao longo dos anos, a esse processo de compreensão, que precisa ser dinâmico, permanente e contínuo, foi sendo acrescentado, e continua agregando, uma série de elementos à medida que as sociedades evoluem. Olhando para as relações que se estabeleceram com mais vigor entre as nações, tornou-se desejável compreender como foram definidas determinadas etapas, as intenções envolvidas, os objetivos almejados, os níveis de prioridade de cada objetivo, como seria feito o planejamento para alcançá-los e, a partir desse planejamento, quais ações necessárias poderiam ou deveriam ser implementadas para que cada nação construísse sua própria cultura estratégica nacional.

Essas etapas foram definidas sem que houvesse um conceito ou um esquema de ideias que permitisse a construção de um processo sistêmico permanente, contínuo e cíclico. Isso impossibilitou, em muitas ocasiões, identificar com precisão as forças, fraquezas, vulnerabilidades e oportunidades

existentes para a nação. Quando o conceito de cultura estratégica surge, ele se baseia em um somatório de percepções que orientariam o pensamento sobre as questões estratégicas nacionais, influenciando a forma como as etapas mencionadas seriam formuladas.

Olhando mais de perto a cultura estratégica brasileira, a História do Brasil e sua Geografia contribuíram, seja por meio de acordos internacionais ou como consequência de conquistas nas guerras do século XIX, embora seus dirigentes, a época, não percebessem. Presume-se que no início do século XX não havia a sensibilidade necessária para, depois de adquirido o conhecimento, registrá-lo e interiorizá-lo, de modo a deixá-lo como legado às gerações seguintes. Naquela época, já existiam elementos que se apresentavam como reunidores da embrionária cultura estratégica brasileira, embora não fossem conhecidos pelos nomes que receberiam em poucos anos. Estes elementos foram apresentados como Dimensões tendo sido divididos em seis grandes áreas de análise - política, militar, econômica, social, tecnológica e ambiental, cada uma com sua importância na definição dos objetivos nacionais.

Compreender esses elementos, seus componentes e a forma como foram apresentados certamente contribuiu para a formação de uma sólida cultura estratégica no Brasil ao longo dos anos e permitiu que o país se projetasse com mais força nos cenários que se apresentavam tanto no âmbito regional quanto mundial.

REFERÊNCIAS:

- ANTONELLI, Diego e Dos Santos, Leandro. Adeus Itália, adeus pracinhas. *Gazeta do Povo*. Disponível em <https://especiais.gazetadopovo.com.br/pracinhas-na-segunda-guerra/adeus-italia-adeus-pracinhas/>. 2015.
- BOURDIEU, Pierre. O campo econômico. *Política & Sociedade*, v. 4, n. 6, p. 15-58, 2005.
- Brasil. Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil em síntese. Portal IBGE. Disponível em <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio/dados-geograficos.html>. 2016.
- _____. Ministério da Defesa. Cenários de Defesa 2020 – 2039 – sumário executivo / Ministério da Defesa, Assessoria Especial de Planejamento. Brasília: A Assessoria. Brasil. 2017.
- _____. Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa. Disponível em https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/pnd_end_congresso_1.pdf. 2020.
- CALAZA, Claudio Passo. Aviões no Contestado: descortinando um emprego militar inédito. *Revista Brasileira de História Militar*, v.3, n. 8, p.72-91. Disponível em <http://www.historiamilitar.com.br/wp-content/uploads/2017/08/RBHM-III-08.pdf>. 2012.
- CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. *Revista Estudos Históricos*, v. 13, n. 24, p. 227-250, 1999.
- CORRÊA, Glauco Corbari. A Política de Defesa do Brasil no século XXI. Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares, v. 8, n. 31, p. 29-38, 2014.

DA CUNHA, Guilherme Lopes; APPEL, Tiago Nasser; DE QUEIROZ, Fábio Albergaria. Identidade e Cultura Estratégica no Brasil Contemporâneo. *Revista Intellector*. Ano XV , v. 32, 2019.

EAKIN, Marshall C. Espaço, lugar, identidade... e tempo: História, Geografia, e as origens da cultura estratégica brasileira. *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, v. 5, n. 1, 2014.

FERRER, Francisca Carla Santos. A (re) organização do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai. *Biblos*, v. 17, p. 121-130, 2005.

JONES, David R. Cultura estratégica soviética. In: *Poder Estratégico: EUA/URSS*. Londres: Palgrave Macmillan Reino Unido. p. 35-49. 1990.

LAFER, Celso. Novas dimensões da política externa brasileira (3). *Gazeta Mercantil*, p. 4, 1986.

DE MEIRA MATTOS, Carlos. Geopolítica e modernidade: geopolítica brasileira. Biblioteca do Exército Editora, 2002.

ONU News, Global Human Reportagens Perspective. Reunião de Alto Nível sobre a Revisão Intermediária da Estrutura de Sendai para Redução de Risco de Desastres. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2023/05/1814597>. 2023.

ROMANA, Heitor Barras. Da cultura estratégica: uma abordagem sistêmica e interdisciplinar. *Revista da EGN*, v. 22, n. 1, p. 13-32, 2016.

SNYDER, Jack L. A cultura estratégica soviética: implicações para operações nucleares limitadas. RAND Corporation. R-2154-AF. 1977.